

Comunicação Oral

O ARQUIVO ZEFERINO VAZ: UM LUGAR DE CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA UNICAMP

Gabriela Bazan Pedrão – UNESP
Eduardo Ismael Murguia – UFF

Resumo

A memória está presente em nossas vidas muito mais do que conseguimos perceber. Mas até que ponto essa memória é usada para construir um lugar de abrigo ou intensificar a guarda e a perduração das lembranças? Motivado por essa questão, esta pesquisa tem como objetivo observar o trabalho conjunto do arquivo e da memória colocado em prática em um arquivo específico: o de Zeferino Vaz, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Buscaremos conhecer um pouco mais sobre o passado do fundador da Unicamp, fazendo um breve relato da trajetória de ambos, para que seja possível ver em que ponto em que se cruzam e o percurso dos dois. Esse levantamento histórico, combinado a um referencial teórico sobre memória e arquivos, será fundamental para nossa análise das construções da memória que foram e ainda são criadas pelo acervo documental em questão, que conta a história de Zeferino Vaz e também da Unicamp.

Palavras-chave: Arquivos. Memória. Zeferino Vaz. Unicamp.

Abstract

The memory is in our lives more than we can imagine. But how is this memory used to build a shelter or intensify the keeping and the longevity of memories? Motivated by this question, the purpose of this dissertation is to analyse the relation of memory and archives put into practice in a specific archive: Zeferino Vaz's, in the Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). We aim to know more about the the past of Zeferino Vaz and Unicamp, making a brief account of the history of both, so we can see where the two intersect and what follows from this meeting. This historical survey, combined with a theoretical background about memory and archives, will be critical to our analysis of the construction of the memory that was and still is created by the documentary collection in question.

Keywords: Archives. Memory. Zeferino Vaz. Unicamp.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema geral memória e arquivos dentro de unidades de informação. Neste caso, especificamente, trabalhamos com o arquivo do fundador da Unicamp, que atualmente se encontra no Arquivos Central da Universidade.

Existem novas abordagens sobre o arquivo, como por exemplo, Heymann (2012) que afirma que, os arquivos devem ser considerados como construções sociais com a capacidade de revelar valores e padrões de comportamentos daqueles que são retratados por eles. Esses arquivos são analisados como artefatos produzidos ao longo de uma série de investimentos

distintos, que são resultado da ação da entidade que produz os arquivos e também de seus organizadores e custodiadores.

Dessa forma, apresentamos como objeto de nossa preocupação o Fundo Zeferino Vaz. As acumulações documentais de sua vida pessoal, somadas às acumulações de suas passagens por diversas universidades e processos administrativos deram origem a esse arquivo que hoje é um fundo pertencente à Unicamp.

Destacamos os objetivos gerais dessa pesquisa que são observar, dentro do contexto do Fundo Zeferino Vaz, a interpretação da memória e do arquivo e como eles articulam conjuntamente na “construção de um passado exemplar da Universidade”.

Para nossos objetivos, não faz parte de nosso foco a reprodução das etapas organizacionais do Fundo, que atualmente é aberto à pesquisa. Mas sim a sua memória e as reflexões que ela possibilita acerca de seu titular e da instituição de ensino que ele fundou.

Nos objetivos específicos estudaremos como a Unicamp construiu seu passado pela memória. O foco dos usos será o enquadramento da memória da Universidade através dos arquivos de Zeferino Vaz e quais os objetivos de manter esse Fundo na Universidade para a construção de sua identidade.

Observamos as razões que levam um indivíduo a guardar os instantes, as falas, as lembranças e acontecimentos, quais os motivos de converter falas em registros e de construir sua permanência. Nosso personagem nesta pesquisa era dotado dessa preocupação em construir sua identidade através de seus registros. Dessa forma, estudaremos esse arquivo que se iniciou como algo pessoal e hoje é um arquivo público de grande impacto dentro de uma grande instituição.

2 ARQUIVO E MEMÓRIA

2.1 A PRIMEIRA QUESTÃO: MEMÓRIA

Santos (2003) diz que as relações entre memória e sociedade se intensificaram ao longo do tempo. Ela afirma que, com a crise das narrativas da história, abordagens historiográficas substituíram as antigas provas documentais por testemunhos orais, transformando a memória tanto em objeto de análise quanto método.

O tema assumiu um papel importante, não apenas para o debate teórico das ciências sociais, mas também para um mundo caracterizado pelo encontro e conflito entre diversas culturas. Santos (2003) lista em seu livro diversas obras literárias e cinematográficas que

remetem, focam ou se utilizam da memória como pontos chave em suas tramas, e dessa forma ela chama a atenção para algumas questões ligadas à perda da memória.

Em suma, para Santos (2003), a memória, seguindo as contribuições mais atuais, passou a ser compreendida tanto como uma ação de reescrever o passado, quanto como a representação formal deste por determinados grupos sociais ou atores individuais.

Lovisoló (1989) afirma, que a memória coletiva está ligada estreitamente com a identidade do mesmo gênero e a memória individual se situa como vetor constitutivo da identidade do eu. Podemos dizer também, citando agora Barros (1989), que a compreensão comum de símbolos e significados, de noções que compartilhamos com outros membros do grupo social definem o caráter das memórias individuais.

Podemos afirmar que, a partir do momento em que demarcamos os espaços das memórias individuais e coletivas, estamos nos referindo à criação de uma espécie de meio artificial, que é ao mesmo tempo exterior a todos os pensamentos sociais e os engloba, formando um tempo e um espaço coletivos e, junto, uma história (BARROS, 1989). A partir desses quadros a autora citada ainda diz que os pensamentos individuais se juntam possibilitando, por um momento, que cada indivíduo deixe de ser ele mesmo para fazer parte de um todo.

Pollak (1989) diz que, em uma perspectiva construtivista, a memória não se trata apenas de lidar com os fatos como coisas, mas sim de alisar esses fatos e como eles se tornam coisas, como e por que eles são solidificados e dotados de duração e de estabilidade. Isso gera uma reflexão acerca dos acontecimentos e objetos que vemos espalhados e qual o real significado deles, o poder que exerce uma data festiva, uma bandeira, um totem ou um símbolo, como essas construções simples se tornam significativas e evocam uma memória, um sentimento em pessoas que sequer vivenciaram os fatos que elas representam.

Segundo Pollak (1992) a memória coletiva é algo geralmente herdado por meio da socialização política ou histórica, que faz com que ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado. Não podemos deixar de lado também os personagens e os lugares de memória. Outro ponto que facilita e contribui para o crescimento da memória coletiva é a simpatia ou antipatia por determinado personagem de memória que os tornam sempre contemporâneos. E os lugares que, na maioria das vezes, são um exemplo de projeções e transferências, pois o indivíduo pode nunca ter estado lá, mas sabe qual história marcou aquele ambiente e porque ele é memorável.

Sem a memória não existiria poesia, música, história e nenhuma outra arte. Murguía (2011) diz que a memória é a forma mais elementar e subjetiva, mais pessoal e emotiva do

desejo do ser humano de permanecer no tempo, a memória é uma forma de conhecer o passado junto da história, é uma forma de vivenciar o tempo e permanecer nele sem perder a própria identidade. Outro ponto é que a memória é evocativa, ou seja, nos permite uma recuperação consciente ou inconsciente daquilo que desejamos vivenciar pela lembrança, ela é um acontecimento, uma representação que nos remete a um passado emotivo (MURGUIA, 2011).

Assim, a memória não é uma entidade em repouso, ela se define como algo em constante transformação e em diversos rearranjos com outras associações. Por ser uma construção histórica, ela adquire múltiplas fisionomias e seu estado é de formação constante (MURGUIA, 2010).

Passando o foco para a memória junto dos arquivos, Murguia (2011) diz que a memória, quando ligada ao arquivo, torna-se um exercício de poder, devido principalmente ao seu uso como prova/documento para escrever a história, motivo de ser também um cenário de confronto para decidir o passado, pois como objeto de poder é natural à memória ser disputada pelos grupos mais fortes da sociedade e assim instalar sua memória no coletivo.

2.2 O ARQUIVO COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Podemos dizer que, se a memória é socialmente construída, como vimos agora, a documentação que a envolve passa pelo mesmo processo. São trabalhos que se desenvolvem a partir de uma fonte e com um objetivo, e com o tratamento certo podem ser disponibilizados para pesquisa e estudo. O processo de construção da memória e tratamento da informação é importante, principalmente quando se trata de um processo que acontece com fontes que saem do individual para o público. Meneses (1998) diz que o compromisso dos objetos, memórias e etc., é essencialmente com o presente, pois é no presente que eles são produzidos ou reproduzidos como uma categoria e são criados para responderem às necessidades desse presente.

Heymann (1997) chama atenção para um ponto importante quando falamos do arquivo e de pesquisas que serão orientadas por ele, ela diz que o sentido de identidade e unidade do indivíduo depende, em grande parte, da organização dos fragmentos da memória com a qual aquele lugar se predispôs a trabalhar. Assim voltamos a importância da construção da identidade, e vemos que é algo que vai além da memória, é um ponto que se encontra também em suas aplicações. Não basta ser bem construída, a qualidade dessa construção tem que estar explícita no arquivo, bem estruturada e explicada. A pessoa que busca o arquivo tem que sentir a solidificação da memória nele.

A autora afirma isso dizendo que o arquivo não armazena os documentos de forma neutra, os objetos selecionados nas práticas arquivísticas são submetidos a um tipo de racionalização que os transforma em conhecimento. Dessa forma dentro das práticas de identificação estão junto lógicas de exclusão e incorporação, assim é definido o que deve constituir a memória e a identidade (HEYMANN, 2012).

Nora (1993), afirma que o motivo de falarmos tanto em memória é porque ela não existe mais. O que existe é o sentimento de continuidade que se torna residual aos locais. Ele afirma que “Há locais de memória por que não há mais meios de memória” (NORA, 1993, p.7). Ele diz que a memória atualmente foi substituída pela película efêmera da atualidade, graças a mundialização, a massificação e da mediatização.

Ele diz que esses lugares de memória se baseiam no sentimento de que não há mais memória espontânea e que é preciso todas as atividades listadas acima, uma vez que essas operações não são naturais. Sem essa vigilância comemorativa a história varreria esses fatos com rapidez.

À medida que a memória desaparece nós nos sentimos com a obrigação de acumular os seus vestígios, sinais visíveis do que foi. Nora (1993) diz que não é apenas guardar tudo, mas conservar todos os sinais indicativos da memória. Ele também diz que produzir arquivos é o imperativo da época e que ele não é mais o saldo intencional de uma memória vivida: ele é a secreção voluntária e organizada da memória perdida.

O que os constitui é um jogo da memória e da história. Nora (1993) afirma que nesse jogo é a memória que dita e a história que escreve e é por isso que os dois domínios merecem que nos detenhamos. “A memória perdura-se em lugares, como a história em acontecimento” (NORA, 1993, p. 23).

Jardim (1995) diz que a memória verdadeira, quando transformada por sua passagem em história dá lugar a uma memória arquivística, que nada mais é que a construção do estoque material do que é possível lembrar. Com a criação das tradições, da ideia de nação, junto criou-se o hábito de preservar o passado, principalmente o passado comum, assim surgem os patrimônios nesse processo de organização do Estado e criação de valores e raízes, norteadores de políticas públicas que determinam registros documentais.

Com o aumento da busca, vemos os arquivos se dividirem entre documentos ligados à pesquisa científica e documentos com o fator de testemunho das ações do Estado e garantia dos direitos dos cidadãos, fazendo essas práticas se legitimarem no discurso da preservação e democratização da memória nacional (JARDIM, 1995). Dessa forma os arquivos são a construção de uma organização, não importa qual seja a sociedade, é uma coletividade que

visa harmonizar o funcionamento e gerar o futuro. Os arquivos existem, pois há necessidade de uma memória registrada, de um lugar de elaboração e de conservação da memória coletiva.

Assim podemos finalizar dizendo que essa relação é indissociável, é preciso mais do que documentos para compor um arquivo e mais do que memória para fazê-lo de um lugar de guarda. Os arquivos atualmente conseguiram esse título de ‘lugar de guarda’, pois cumprem com propriedade sua função de guardar, recuperar e disseminar, não apenas os papéis que ali se encontram, mas também a história que eles contam e a memória que eles guardam.

3 ZEFERINO VAZ E A UNICAMP

Zeferino Vaz foi um pioneiro. Instalou a Faculdade de Medicina em Ribeirão Preto (FMRP), foi Reitor da Universidade de Brasília (UnB) por um rápido espaço de tempo e depois foi designado à uma comissão para a instalação da Universidade de Campinas (Unicamp). Na época do início da instalação da Unicamp ele havia deixado a FMRP, se afastado do Conselho Universitário da Universidade de São Paulo e sofrido uma derrota na tentativa ao cargo de reitor da USP. Ao assumir brevemente a reitoria da UnB tinha como proposta principal dar continuidade ao projeto que chamou de “modular”, mas com as pressões internas e externas não teve condições de seguir adiante. Porém, antes de deixar a UnB foi procurado diversas vezes por docentes e autoridades da Unicamp e de Campinas para que fosse à cidade assumir esse projeto. Funcionando “ilegalmente” a Unicamp precisava de alguém com força e influência políticas para salvá-la do fechamento, Zeferino Vaz com suas amizades poderosas era o mais indicado, além de ser também, por sua experiência anterior, o mais qualificado. Assim, uma semana após sua demissão na UnB ele assumiu a presidência da Comissão Organizadora da Universidade de Campinas.

A Unicamp foi fruto do processo de interiorização do ensino superior em São Paulo, assim como a FMRP. Tendo em mente a breve trajetória contada do Professor, vemos que não existiria pessoa melhor na época para estar à frente do projeto da Unicamp, sua atuação a frente da comissão foi decisiva para dar os rumos que a Universidade tomaria já nos seus anos de implantação, tendo como base as experiências na Faculdade de Medicina em Ribeirão e a Universidade de Brasília.

Exatamente com essa experiência, ele soube colocar ao seu redor pesquisadores famosos e competentes. Chegou a Campinas sanando contas, dispensando diretores administrativos, chefes e assistentes de gabinete e o ex-reitor, preenchendo de modo inteligente os cargos nas mais diversas áreas.

A Unicamp tinha como projeto principal agrupar em um mesmo campus diversas áreas do conhecimento, se tornando uma universidade interdisciplinar e integrada, dando um passo à frente das demais universidades do país que até então, não haviam conseguido executar esse tipo de ideia.

Seu início de carreira como pesquisador conferiu a Zeferino Vaz confiança e respeito pelo trabalho de outros pesquisadores na Unicamp, ele nunca interferiu em atividades propostas ou modo de trabalho de nenhum docente - inclusive no que dizia respeito a visões políticas - um diferencial fundamental para o crescimento da Universidade.

Muito preocupado com a imagem, ele conseguiu através de entrevistas e contatos certos que tinha construir uma imagem de excelência, primeiro da FMRP, depois da Unicamp. Com seu carisma pessoal conseguiu, diversas vezes, sem mais que um projeto em mãos, o que precisava para dar andamento às suas atividades.

Zeferino Vaz esteve a frente da Unicamp pelo período de 12 anos e sempre trabalhou com a preocupação de ter ao seu redor um pessoal competente e concentrado, ao final de sua gestão, a Universidade contava com: sete institutos; seis faculdades; dois colégios técnicos; dez unidades de serviços; cursos de graduação, de pós-graduação, especialização, aperfeiçoamento e extensão (UNICAMP, 2012a).

A chegada do septuagésimo aniversário de Zeferino Vaz era temida por muitos e aguardada por outros, quando finalmente chegaria a hora de sua aposentadoria compulsória e o início de uma nova era para a Universidade. Um novo reitor seria escolhido e Vaz seria substituído após doze anos de reinado absoluto. Ele desencorajou o quanto pôde as especulações sobre os nomes que formariam a lista tríplice de reitores (onde o governador escolheria o nome final), mas o assunto era discutido nas cantinas, corredores e entre os dirigentes com cada vez mais frequência (GOMES, 2007).

Em 1978, após doze anos à frente da Unicamp, aposentou-se compulsoriamente aos 70 anos, mas seus anos de prática administrativa e sua experiência haviam convencido Zeferino Vaz de que a existência de uma fundação era conveniente para mediar as relações com as agências de fomento à pesquisa e gerir convênios de prestação de serviços à sociedade, assim surgiu a Fundação de Desenvolvimento da Unicamp (Funcamp) que o teve na presidência até 1981, quando faleceu, aos 72 anos, vítima de problemas coronarianos (UNICAMP, 2012a).

Atualmente a Unicamp compõe-se por 22 unidades de ensino e pesquisa, divididas em dez institutos e dez faculdades, onde são ministrados 66 cursos de graduação frequentados por quase 17 mil alunos e por 16 mil matriculados em 62 programas de mestrado e doutorado. É a universidade brasileira com maior índice de alunos na pós-graduação: perto de 50% de seu

corpo discente, deste número, 20% vêm de outros estados brasileiros e 5% do exterior (UNICAMP, 2012a).

4 O FUNDO ZEFERINO VAZ

Os arquivos de Zeferino Vaz remetem a parte de sua vida pessoal e profissional ao decorrer dos anos que passou pela FMRP e UnB, e todo seu arquivo correspondente à Unicamp estão hoje no Sistema de Arquivos da Unicamp (SIARQ). A decisão sobre o local e a doação foi feita pela família.

Os arquivos de Zeferino Vaz foram negociados em 1981 e representou um desafio para a equipe do Arquivo Central para identificar e formar o fundo, pois estava acumulado em mais de uma fonte, ou seja, do mesmo titular, mas de proveniência diversa. (MARTINS, 2012).

Tratando-se do recebimento desses arquivos pelo Arquivo Central, Martins (2012) narra que em um primeiro momento os arquivos foram recolhidos por uma equipe no Gabinete do Reitor, na reitoria do campus. Logo depois foram recolhidos também documentos da Secretaria Geral correspondentes ao período da gestão de Vaz. As últimas fontes foram sua própria família e seu último escritório na Unicamp, quando exerceu o cargo de presidente da FUNCAMP.

Atualmente os arquivos do Professor Zeferino Vaz compõe um fundo e se encontram no prédio do SIARQ, localizado dentro da Unicamp. A primeira visita realizada ao Arquivo Central foi em 26 de março de 2012, a fim de vermos pessoalmente o conteúdo do Arquivo do professor. Os arquivos estão organizados em um fundo próprio, dentro desse fundo existem várias subdivisões que são chamadas de séries e dentro dessas séries há outras divisões chamadas subséries.

Foi permitido à pesquisa o acesso a todos os inventários do Fundo e, caso fosse necessário, os documentos. Os documentos estão tratados e classificados e foram divididos em inventários, separados de acordo com a temática documental. Dentro do Arquivo existe um projeto (em andamento) para que todos os inventários sejam reunidos e deem origem a um único, abrangendo toda a documentação do fundo.

O Fundo é de natureza privada, abrange as datas de 1925 a 1981 e é composto de vinte e sete caixas e três filmes. Seu escopo e conteúdo são compostos de, principalmente, documentos de cunho pessoal, produção científica e intelectual, documentos administrativos e especiais e uma coleção de aproximadamente sete mil imagens, a maioria da Unicamp. Essa documentação foi transferida ao Arquivo Central pelo Gabinete do Reitor, Secretaria Geral da

Unicamp e pela família de Vaz, tudo em 1986. Alguns documentos que eram mantidos pelo Laboratório de Parasitologia da Faculdade de Medicina Veterinária da USP também foram doados ao Fundo Zeferino Vaz.

A organização do Fundo, como já foi dito, foi feita segundo o princípio de proveniência da documentação, que resultou dois grandes conjuntos documentais (inventários) e vários dossiês cuja organização é cronológica, alfabética ou mista. O uso e reprodução desses documentos são permitidos, desde que esteja de acordo com o regulamento do SIARQ. Parte dessa documentação contém anotações e gravuras. Os instrumentos de pesquisa ao Fundo são um catálogo manuscrito e catálogos digitalizados.

Vemos então que é um arquivo muito rico e abrangente, que realmente dá conta de documentar com detalhes a vida e a carreira de Zeferino Vaz. E, mais importante, que é um arquivo importante no SIARQ, pois contribui de maneira direta com a história de formação da Unicamp.

5 ANÁLISE

Le Goff (2003) diz que alguns cientistas foram levados a aproximar a memória de fenômenos ligados às ciências humanas e sociais. Ele justifica sua afirmação dizendo que a memória tem uma função social que trata de passar adiante uma informação na ausência do objeto ou acontecimento que constitui seu motivo.

Le Goff (2003) aponta a forma em que a memória coletiva foi usada nas lutas sociais pelo poder, ele diz que a apropriação da memória e do esquecimento é uma grande preocupação das classes, grupos e indivíduos que dominaram e dominam as sociedades. Ele afirma que os estudos da memória social são meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, “... relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.” (LE GOFF, 2003. P. 422).

Voltemos aos arquivos e seu papel de guarda que, com esse trabalho de preservação, possibilitam os estudos citados e a atividade de “retraimento e transbordamento” da memória. Os arquivos são, portanto, um local não apenas de documentos, mas de estudos da memória e seus desdobramentos, constituídos de vestígios, restos e lugares criados para tornar tangível o passado vivido. Podemos considerar o arquivo como um lugar onde a memória se refugia atualmente e que permite a evocação de lembranças, identidades e recordações, individuais ou coletivas.

Para completar esse trabalho foi realizada uma entrevista com a atual diretora do Arquivo da Unicamp. Esse momento do trabalho será reservado para discutirmos alguns

trechos interessantes da entrevista e analisá-los, para que seja possível então uma articulação das ideias expostas até esse momento.

Vamos a partir de agora analisar a construção de memórias que esse fundo permite e os usos que são feitos dele como uma entidade que orienta pesquisas.

A entrevista foi dividida em questões dedicadas a chegada dos arquivos à Unicamp, os interesses da Universidade nesse fundo documental, as transações da aquisição, o tratamento dado ao fundo, frequência de uso, divulgação e alguns aspectos sobre a mobília exposta dentro do Arquivo.

5.1 A CONSTRUÇÃO DO FUNDO E SUA MEMÓRIA

Os arquivos de Zeferino Vaz eram, desde o início, valorizados e idealizados como forma de construção de uma memória. Antes da formação do Arquivo Central a Diretora nos disse que já existiam planos para esse arquivo ligados a preocupação da perda.

É interessante retomar a fala de Nora (1992), dizendo que não há outro meio de memória senão a preocupação com a perda e a construção de um lugar de abrigo para ela, preservando assim o que ele chama de restos. Podemos ver que essa preocupação era partilhada também fora da Unicamp, ou seja, o potencial dessa documentação já era conhecido e assim iniciou-se uma movimentação pela sua preservação.

Quando recebemos esse material deu para perceber que ele se complementava com o outro acervo que tinha ficado na secretaria geral que era do gabinete. Então vimos que era uma sequência para ele se tornar íntegro, tanto que foi um pouco confuso quando recebemos a documentação. Parece que tinha algo também na USP, ele mantinha um escritório em que atuava e lá também tinha um arquivo. Após o falecimento foi tudo para a família e a família doou tudo para cá, aí chegando foi um trabalho extenso para identificar o que era o que e de onde pertencia. Quando fomos organizar o arquivo foi possível ver a trajetória do Professor e montar os dossiês de todos os lugares onde ele passou, porque de alguma forma, ele levava o arquivo consigo. Então o arquivo é um espelho da vida dele e a vida dele está espelhada no arquivo.

É importante ressaltarmos aqui a última fala, esse é um ponto muito interessante sobre um arquivo pessoal. Observamos até onde esses documentos espelham e dizem sobre seu dono e até que ponto a vida dele está relatada ali, se é possível fazer uma reconstrução, uma linha do tempo com esses documentos, e até onde eles nos levam sobre a determinada pessoa. É interessante vermos os desdobramentos desse arquivo, o que ele fala pelo seu personagem e que histórias diversas à dele podemos encontrar.

Cabe aqui retomarmos Pollack (1992) que diz que um ponto importante para o crescimento da memória coletiva são os personagens e os lugares da memória, que, ligados à simpatia ou antipatia por determinado personagem o torna sempre contemporâneo. Os

lugares, que costumam ser exemplos de projeções e transferências, são importantes porque refletem os fatos ali ocorridos. O indivíduo pode nunca ter estado ali, mas conhece a história daquele local e porque ele é memorável. Podemos aplicar essa passagem ao nosso personagem e seus arquivos, pois Zeferino Vaz continua sendo lembrado como um homem de ideias modernas e sua criação, a Unicamp, um local construído a frente de seu tempo e que hoje ainda tem a sua história enraizada.

Observamos até agora a importância e a força de impacto que o fundo Zeferino Vaz tem na Unicamp, devido principalmente à sua diversidade que já citamos anteriormente e que a Diretora do Arquivo afirma dizendo que:

“O acervo de Zeferino se mistura entre o pessoal e o profissional. Então é possível ver na estrutura de poder como ele era um homem dividido entre o público e o privado. O arquivo se mescla tanto quanto ele.”

Aqui é interessante retomar Lovisolo (1989) e sua ideia da valorização da memória coletiva, que participa na construção de identidades – que é o caso dos documentos de Zeferino Vaz, um arquivo que tinha características pessoais e públicas e hoje está definitivamente no âmbito coletivo e constrói memórias e identidades a partir dele.

Um acervo multifacetado assim é um rico objeto de pesquisa, principalmente em uma universidade igualmente multifacetada como a Unicamp, onde ele pode ser objeto de estudo de todas as áreas do conhecimento: da saúde, área onde Zeferino Vaz era pesquisador, até as humanidades para estudar a historicidade e outras características presentes nesse conjunto documental.

Retomando a entrevista, quando perguntada, a Diretora nos contou um pouco sobre a criação do próprio Arquivo Central e nos explicou também como foi essa criação juntamente com a incorporação dos documentos de Vaz na Universidade:

“Foi um pouco junto, nós criamos o Arquivo e o acervo na verdade foi sendo a base para a criação do SIARQ. Começamos a trabalhar com arquivos que não eram da Unicamp, eram arquivos que tinham vindo com as bibliotecas. Como a Universidade era uma universidade nova e que foi construída pra ser fortemente uma instituição de pesquisa e que tinha o lema de Zeferino de antes cérebros e depois bibliotecas, as bibliotecas tinham uma proporção muito especial na construção da Unicamp. Então se compravam arquivos e bibliotecas prontas já, porque não havia tempo de constituir. Nessas coleções juntos vinham alguns documentos, dossiês, e aí a ideia de construir uma divisão de documentação inicialmente era para tratar dessa documentação.”

Os arquivos de Zeferino Vaz foram, portanto, a base para a construção do Arquivo Central da Unicamp. Em um processo conjunto a aquisição de um ajudou na criação do outro e dessa forma é possível notar que não se trata de um fundo qualquer, é um conjunto documental que necessitou da atenção dos profissionais e, segundo a Diretora continua necessitando:

“Aberto ao público ele foi desde o começo, nós tínhamos como objetivo já abrir o arquivo mesmo antes de ter inventários, catálogos, etc. Logo que o arquivo chegou, quando ainda estava nas caixas, chegou uma pesquisadora da faculdade de educação justamente pesquisando a fundação da Unicamp e Zeferino e ela já estava lá no meio iniciando seus trabalhos. Agora eu acho que nós trabalhamos nesse arquivo, não sei dizer quanto tempo, eu acho que a vida inteira. Porque a gente queria ter ainda alguns catálogos que nós não temos, estamos tentando colocar tudo em um inventário único, que ele até tem, mas queríamos fazer alguns catálogos mais específicos, então ainda há trabalho. Ele é um arquivo que desde que chegou, trabalhamos com ele.”

Dessa forma vemos que o Fundo é alvo de constantes modificações e trabalho, e que foi procurado a partir do momento em que chegou na Universidade. Vemos aí a construção conjunta da memória: de um lado pelos profissionais do Arquivo Central, organizando e tratando de toda essa documentação, de outro pelos pesquisadores que desde o primeiro momento já começaram suas construções paralelas sob os mais diversos pontos de vista. É um mosaico que, quando olhado sob uma perspectiva geral, retrata a história da Unicamp e toda sua construção. É um processo onde uma atividade está enraizada com a outra. O ato de construir o Arquivo está ligado ao ato de trazer e organizar o Fundo, que está ligado diretamente às pesquisas que existiram ao mesmo tempo desses processos, relatando não apenas as histórias presentes nos documentos, mas também a história vivida por esse conjunto de profissionais e pesquisadores.

5.2 A INFLUÊNCIA E A IMPORTÂNCIA DO FUNDO NA UNICAMP.

Podemos dizer que, devido a grande diversidade desse conjunto informacional, o Fundo vai muito além do que imaginamos no que se diz respeito aos seus usos e pesquisas e não se limita a história de Zeferino Vaz. A Diretora nos diz que o fundo é amplamente utilizado e que:

“Todos os trabalhos que se referenciam à Unicamp nós sempre levamos ao arquivo do Zeferino, porque ele não é só um arquivo pessoal, tem uma característica ali que era o seguinte: a secretaria geral sabia que eles estavam construindo uma

universidade e que tinha que preservar essa memória, então ela guardava os dossiês e documentos das unidades que estavam sendo criadas, já formando um início de arquivo. No arquivo do Zeferino você encontra toda essa dinâmica da criação. Então todas as pesquisas que são realizadas sobre a Universidade nós sempre remetemos ao arquivo de Vaz. E o arquivo é usado também pelo próprio Arquivo da Unicamp para fazer levantamentos, quando é requisitado, ou às vezes faz isso de forma pró-ativa e para pesquisas da trajetória da Unicamp, qualquer que seja ela”.

Dessa forma fica visível que as possibilidades de utilização não ficam apenas em torno do personagem Zeferino Vaz e dos detalhes de sua vida. Esse fundo envolve muito mais, possui uma riqueza histórica de grande importância e gera atividades de pesquisa dentro da Unicamp. Podemos dizer que o arquivo é um fomentador científico e referência no que se diz respeito ao início da Unicamp.

Pollak (1989) diz que a memória não é puramente lidar com fatos como coisas, mas analisar esses fatos e como eles se tornam coisas, como são solidificados e dotados de estabilidade. E é isso que acontece com esse fundo, solidificado e dotado de ambas as coisas. Ele abre espaço para estudos dos fatos acerca da Unicamp e do Reitor e quais caminhos esses fatos percorreram para também se solidificarem e se tornarem “coisas”.

Quando questionada sobre a importância desse fundo em sua opinião, a diretora foi enfática e direta, traduzindo de uma maneira simples o significado dele dentro da instituição:

“Sabe âncora? Eu acho que assim, nós temos diversos fundos, esse é o âncora. Igual nos shoppings que tem as lojas âncora, esse é nosso âncora porque como o Zeferino foi o fundador e durante o período em que ele atuou a Universidade ainda não tinha construído sua história. Hoje tudo que nós vamos fazer, comemorações, eventos, pesquisas temos que remeter à esse arquivo. Tem muitas coisas em torno dele, ele foi até 82, de lá pra cá nós temos outra gama de fundos que contam essa história mais recente, mas o período da fundação que é muito importante está principalmente nele, então eu o considero o fundo âncora do arquivo.”

Lovisoló (1989) também fez uso desse exemplo de memória como âncora. Ele diz que a memória é essa âncora que segura nossas raízes e refresca o passado, ao passo que ela também serve como plataforma para o futuro, como disse a Diretora ao afirmar que a maioria das pesquisas remete a esse fundo. São pesquisas atuais utilizando as raízes da Universidade.

5.3 OS USOS ATUAIS E OS PLANOS FUTUROS

O fundo agrega, portanto, diversos significados dentro da Universidade e, mais importante, contribui para o futuro da instituição. A Diretora nos disse que existem planos futuros para que outros arquivos sejam incorporados ao Arquivo Central e que através a memória da Unicamp seja preservada, como o Fundo de Zeferino Vaz faz com êxito atualmente.

O projeto tem como objetivo que todos os docentes da Universidade deixem suas produções arquivadas antes se aposentarem e se retirarem da Universidade. Dessa forma é possível um acompanhamento tanto de quem passou pela Universidade quanto do que foi pesquisado.

“Fizemos agora um site sobre o Zeferino Vaz que já está no ar. Colocamos esse site específico, onde tem sua trajetória, a participação dele na Unicamp, a vida dele, é bem bacana. Porque como ele foi muito homenageado, com nomes de escolas nome de avenidas, não é apenas a Unicamp, é Ribeirão Preto que também pesquisa Zeferino, que quer saber se a gente tem algum material dele, biografia... Então achamos interessante ter uma página com links e coisas assim que as pessoas pudessem pesquisar. A Unicamp vai fazer 50 anos em 2016, então estamos nos aperfeiçoamos e a nossa ideia é trabalhar com o catálogo e algumas séries que consideramos fundamentais e que vamos precisar para 2016, que vai suscitar muita pesquisa. Assim a gente já sabe o que vai mais ou menos ser mais buscado. Em um primeiro momento a melhora será voltada para parte que diz respeito a Unicamp do acervo do Zeferino, que é o mais procurado, mas a ideia é fazer do arquivo todo e ter um catálogo na internet e o arquivo digitalizado. Nós estamos trabalhando, montamos um laboratório, tem até um projeto aqui da Unicamp que se chama “Memória dos cientistas”. Nós estamos trabalhando com cientistas pioneiros, porque acabamos perdendo muitos documentos, os professores estão indo embora... Então nesse trabalho começamos fazendo um catálogo, quase como um catálogo seletivo, onde a levantamos os pioneiros, suas biografias e tudo que temos no arquivo sobre eles, isso também na biblioteca e está sendo digitalizado.”

Com o aniversário de 50 anos da universidade chegando diversos projetos entram em cena a fim de melhorar a busca pela memória da Universidade, entre eles o site de Zeferino Vaz, que visa facilitar a busca de dados e fatos mais simples sobre sua vida e possibilitar ao pesquisador conhecer um pouco do que há dentro do fundo físico.

Nora (1993) diz que a memória se firma em lugares da mesma forma que a história em fatos. Dessa maneira é importante tal preocupação com a preservação de diversos arquivos no Arquivo Central. Nora (1993) completa dizendo que mesmo um lugar de aparência material como um depósito de arquivos, por exemplo, só se torna um lugar de memória se é investido nele uma aura simbólica. Podemos dizer que os projetos do Arquivo têm essa preocupação. É importante Investir em todos os docentes da Universidade para que haja um retorno documental e a memória da Unicamp seja sempre preservada.

Como vimos, há uma preocupação constante com a preservação da memória da Universidade, principalmente no que se diz respeito à produção de seus docentes. É possível que com a preservação correta de fundos como o de Zeferino Vaz e a busca constante para pesquisa o Arquivo agora tenha essa preocupação com a memória e coloque em prática projetos de preservação.

5.4 A MOBÍLIA

Mesmo com o caráter provisório do prédio do Arquivo Central, a mobília sempre é alvo de admiração pelos que passam pelo local e é também utilizada em atividades de divulgação do Arquivo:

“Na verdade nós estamos em um prédio provisório, então nem posso dizer que isso tudo está para visitação. Nós vamos ter uma área no prédio novo, que vai ter a biblioteca dele, algo mais comemorativo, mais representativo. Mas   interessante que todas as pessoas que vem até o arquivo se interessam, perguntam o que  , os mais velhos se emocionam, os alunos acham interessante. Quando fazemos o Universidade Aberta ao Público, que tiramos as coisas de l , tiramos os sofás e deixamos mais como vitrine, que acaba sendo o cenário da representa o de um período, aí há bastante interesse.”

Podemos dizer que esse   o enquadramento que Pollack (1989) fala. Uma opera o conjunta que integra os conhecimentos e interpreta o passado, que serve para a coesão de grupos e institui es que integram nossa sociedade, mas que para ser mantida   necessário o fornecimento de um quadro de referência, de pontos de apoio.   nesse ponto que entra o Arquivo e seus trabalhos.

O arquivo deixa de ser apenas um acervo informativo e passa a ser um fundo digno de homenagens e de grande importância.   possível notar que ele tem um grande valor sentimental para os que fazem parte da vida da Universidade e está sempre em moviment o.

Jardim (1995) diz que a memória arquivística nada mais é que a construção do estoque material do que é possível lembrar. Ele ainda diz que é uma coletividade que visa harmonizar o funcionamento da sociedade e gerar o futuro: os arquivos são um lugar de elaboração e conservação da memória coletiva. É isso que o Arquivo Central faz com o Fundo Zeferino Vaz e sua mobília. A Diretora expressa essa preocupação com a sociedade e fala sobre a aproximação do público com os arquivos e as atividades que são feitas, principalmente com a mobília, para que sempre haja contato:

“Nós sempre entramos em contato com os alunos pra mostrar que a universidade é assim hoje porque ela já teve alunos como eles que construíram algo, e é uma forma de mostrar a trajetória da Universidade. Nós montamos exposições mais lúdicas, voltadas especialmente para eles, tem até um painel para tirar fotos da Unicamp, com cientistas estilizados. Ocupamos esse espaço aqui na frente, que é a passagem de alunos, e deixamos a recepção aberta, tiramos tudo e montamos vitrines e então é assim que a mobília é visitada.”

Retomamos Pollack (1989), que confirma essa ideia dizendo que o trabalho de enquadramento se alimenta do material fornecido pela história e precisa ser bem construído para fazer sentido. Ele ainda diz que o que está em jogo nessa memória construída é também o sentido da identidade individual e do grupo e que os traços do enquadramento também podem ser monumentos e museus, por exemplo. Assim, a memória não é apenas discurso, e através dos lugares ela é solidificada. É o caso dessa mobília, utilizada principalmente para representar uma época da Universidade e enquadrá-la na história com seus objetos fortificadores.

Sua diversidade material é outro ponto interessante. Estão ali reunidos diferentes tipos de objetos e documentos que vão de uma certidão de nascimento até uma mesa de gabinete. São representações que traduzem muito de uma época: organização documental, a forma de emissão de documentos pessoais, o que era importante ser guardado, como eram feitos os dossiês, como era organizado um acervo administrativo; pensando na mobília, como eram os móveis que eram usados em reitoria, qual era a sua qualidade, fabricação, como eram escolhidos, etc.

Não podemos deixar de lado também a historicidade que ele representa e o diálogo com fatos marcantes da história do país, vistos sob uma perspectiva diferente. O enquadramento, do qual já falamos, é diferenciado, nos levando a reviver períodos como a Ditadura Militar sob a perspectiva de uma universidade em construção, possibilitando um pensamento de como esse período, por exemplo, poderia ter influenciado a Universidade.

Podemos concluir que esse é um espaço que vai além da memória de um personagem e que, devido sua riqueza de materiais e seus mais diversos usos, é um acervo que se mantém sempre atual e significativo para a Universidade. É um espaço construtor de uma memória local e que a partir dele surgem novas e diferenciadas visões dessas construções.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As noções de memória estão mais presentes em nossas vidas do que podemos imaginar. Nosso cotidiano de hoje reflete costumes que são passados através dos tempos e se fixaram em nossa rotina. As comemorações que fazemos são reflexos da necessidade da preservação de datas, fatos e situações que, sem essas ações, ficariam apagados pelo tempo.

Presente nas mais diversas discussões teóricas, a memória é um elemento importante para a construção da consciência coletiva e individual acerca do que já foi vivido. Com ela é possível encontrar significados e identidades nas interpretações do passado. Dessa forma é importante destacar o papel que os lugares da memória desempenham. Constituídos, como já afirmamos anteriormente, de restos e vestígios, esses lugares têm o intuito de apoiar a memória na criação de referências tangíveis ao passado. Para isso lugares como os arquivos, museus, centros de documentação, etc. adquirem relevância na medida em que contribuem para a construção e identificação dos indivíduos com esses espaços.

Os arquivos de Zeferino Vaz contam fielmente sua trajetória. São espelhos de uma época conturbada na história de nosso país e através dele podemos ver os reflexos das decisões tomadas por Vaz durante seu percurso, principalmente na Unicamp. Vaz foi um homem a frente do seu tempo. Projetou e instalou uma universidade fora dos padrões conhecidos no Brasil, modernizou o ensino superior e direcionou a formação acadêmica de seus alunos. Sua gestão ainda hoje é objeto de estudo e consegue se manter atual.

O Fundo Zeferino Vaz é tão abrangente que, com sua chegada à Unicamp, a Universidade percebeu que era o momento de começar seu próprio órgão de organização referente à sua história. Assim, junto com o fundo, surgiu o Arquivo Central, o lugar de memória da Unicamp. Vimos que essa coleção documental vai muito além da história do Reitor e Fundador da Universidade. Ela carrega consigo a história do início da Unicamp. Esse arquivo é a prova legítima dos feitos de Vaz, dos processos de instalação, fundação e início da Universidade.

Um pouco além, esse fundo é a construção da identidade da Unicamp. É nele que moram os primeiros objetivos da Universidade e as primeiras impressões que hoje constituem a identidade e a formação que a Universidade possui. Esse Fundo é preservado com o objetivo

de guardar as primeiras memórias da Unicamp, para que dessa forma a Universidade tenha sempre presente para qual objetivo foi construída e tenha também seu lugar de memória preservado.

Como já foi dito, é uma preservação mútua, a Universidade preserva o Fundo para sempre se recordar de seu início, suas motivações, o porquê de sua instalação e o Fundo anda junto da Universidade como um espelho direto ao passado para que a história seja lembrada nos momentos de necessidade para uma reflexão para o futuro.

Assim, feitas essas considerações, concluímos que esse Fundo além de ser um laboratório do conhecimento, está diretamente ligado à memória e pode ser considerado um lugar que a abriga e a refugia nos tempos modernos. Particularmente nesse caso encontramos uma evidência quando observamos que, além de ser um instrumento de pesquisa indispensável na Unicamp, ele ultrapassa essa concepção e vai além: é uma construção que carrega consigo símbolos, identidades e, mais importante, celebra a memória de uma época, de um fato e de uma pessoa.

REFERÊNCIAS

BARROS, Dirlene Santos; NEVES, Dulce Amélia de Brito. Arquivo e memória: uma relação indissociável. **TransInformação**, Campinas, 21(1): 55-61, jan./abr., 2009.

BARROS, Myriam Moraes Lins de Barros. Memória e família. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.

GOMES, Eustáquio. **O mandarim: história da infância da Unicamp**. Editora da Unicamp, Campinas, 2007.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 41-66, 1997.

HEYMANN, Luciana Quillet. **O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: Contracapa/FAPERJ, 2012.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da informação**, vol. 25, num. 2, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LOVISOLO, Hugo. A memória e a formação dos homens. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 16-28, 1989.

MENEGHEL, Stela Maria. **Zeferino Vaz e a UNICAMP**: uma trajetória e um modelo de universidade. 1994. 203 f. Dissertação (Mestrado em Educação – Metodologia de Ensino) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 1994.

MARTINS, Neire do Rossio. **Memória universitária: o Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Universidade Estadual de Campinas (1980-1995)**. 2012. 246 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2012.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: Documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 59-88, 1998

MURGUIA, Eduardo Ismael. Archivo, memoria e historia: cruzamentos y abordajes. **Íconos**, Equador, n. 41, p. 17 – 37 set. 2011.

MURGUIA, Eduardo Ismael. A memória e sua relação com arquivos, bibliotecas e museus. **Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus**. São Carlos: Compacta, 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, v. 10, p. 07-28, dez. 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 03-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva & teoria social**. São Paulo: Annablumes, 2003.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP). **A UNICAMP**. Campinas, 2012a. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp/a-unicamp>>. Acesso em: 20 mar. 2012.